



IMAGENS, PALAVRAS E RIGOR CIENTÍFICO: INQUIETUDES DE UMA PROFESSORA/ORIENTADORA/PESQUISADORA.

Mirian Celeste Martins. UPM

RESUMO: Ao problematizar nesta comunicação uma pesquisa *in process* sobre imagens, palavras e rigor científico a apresentamos como um diálogo construído entre as linguagens da arte, além de tantas outras possíveis puxadas da memória desta professora, orientadora, pesquisadora e produtora de textos visuais e verbais e também daquelas trazidas por suas orientandas e alunas. As pesquisas baseadas na arte –*Arts Based Research*, a *A/r/topography* e as metodologias artísticas de investigação provocam um olhar reflexivo sobre os textos acadêmicos e o rigor científico esperado, em tempos contemporâneos quando as vozes, as subjetividades e as singularidades se desvelam. Imagens e palavras podem desvelar o rigor científico esperado academicamente? Problematizam regimes de visualidade e ecossistemas acadêmicos?

Palavras-chaves: Imagem; palavras; metodologia de pesquisa; procedimentos artísticos na pesquisa; rigor científico.

ABSTRACT: *This paper aims to reflect about a research that is a work in progress about images, words and scientific strictness and it is presented as a dialogue that is formed through different artistic expressions and also by other possibles memories from this teacher that is also tutor, researcher and author of visual and verbal texts, as well as the production of her students. In this contemporary age when the individual voices, the subjectivities and singularities are part of the agenda; the arts-based-research, a/r/t/ography and artistic research methodology lead to a reflexive approach of academic texts and its scientific rigor as usually expected. Images and words can reflect the scientific strictness that is usually expected in Academy? Do they challenge traditional visual conceptions and academic ecosystems?*

Key-words: *Image; words; research methodologies; artistic research procedures; scientific rigour.*



Fig.1. Guto Lacaz. *Eletro livros*, 2012. Centro Cultural Maria Antonia/SP, 2012.

Eletro livros. Há movimento nos aparatos tecnológicos que Guto Lacaz sobrepõe às páginas dos livros abertos nas vitrines dispostas no Centro Cultural Maria Antonia em São Paulo. Em vez de imagens estáticas, um vídeo da exposição nos permitiria a visualização do movimento desses intrigantes objetos. A série *Eletro livros* se enlaça com o humor, a mecânica/tecnologia e a estética do cotidiano presente nos trabalhos deste artista paulistano. Vemos os textos e as imagens escolhidas nos livros que ganham sentidos outros com a intervenção cinética e estética do artista. Nasce ali outro texto. Nascem leituras de olhos múltiplos. Olhos que encontram ou não referências em si mesmos dos livros ali expostos e que oferecem outras significações às sobreposições criadas pelo artista nas páginas abertas. Gesto leitor no corpo que se debruça sobre as vitrines onde estavam expostas.

Sozinhos, nem a página do livro, nem o aparato tecnológico, tornariam visíveis aspectos que na sua junção projetam em nós reflexos e reflexões. O livro, o texto, a imagem, a escolha, a intervenção, em fim, a poética de Guto Lacaz criam a obra.

Perguntamos: no livro/artigo/dissertação/tese/material didático a imagem apenas ilustra o texto tecido entre teoria e prática ou a imagem dialoga com o texto como um outro texto tão poderoso como as palavras, tecendo teoria, prática e poética? Em uma dissertação/tese, o texto/uso poético da linguagem verbal, a imagem, a escolha e a intervenção do autor também na diagramação podem ampliar a criação da obra acadêmica?

Estas questões são especialmente importantes quando ainda vemos imagens tratadas como anexo ou como “decoração”, ou convencionalmente empregadas como ilustração para confirmar o que o texto afirma. E merecem ser discutidas para além da liberdade que alguns programas de pós-graduação parecem ter alcançado, inclusive com o avanço de teses que tem como foco a poética dos próprios artistas-pesquisadores.

Tem sido cada vez mais comum o uso de vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. Peter Loizos (2007) em livro que trata de metodologias de pesquisa qualitativa aponta estudos pioneiros de Siegfried Kracauer e Philippe Ariès. As imagens aqui funcionam como documentos de pesquisa. Podemos perceber que

os métodos tradicionais não tem dado conta das questões contemporâneas, especialmente em nossa área. Nesse sentido, trabalhos como o Estudo das histórias de vida (Nóvoa,1992), o método cartográfico que instrumentaliza a pesquisa-intervenção e a produção da subjetividade (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009), entre tantas outros formatos de pesquisa, desafiam os modos tradicionais de fazer pesquisa. Problematiza-se a “pesquisa com/entre/sobre imagens” – bela síntese que dá título à terceira parte do livro que se tornará fundamental em nossos estudos – *Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação* organizado por Raimundo Martins e Irene Tourinho (2013). Dele, destacamos dois capítulos.

Há um grande campo a ser discutido, aprofundado, pesquisado em diálogo com as pesquisas baseadas na arte – *Arts Based Research* (PBA) de Elliot W. Eisner e Tom Barone (2011), a *A/r/topografy* encabeçada por Rita Irwing (2008) e lançada em maio no Brasil em co-organização de Belidson Dias (2013), as metodologias artísticas de investigação de Ricardo Marin Viadel e Joaquín Roldán (2012).

As palestras e o contato com Ricardo Marin Viadel em São Paulo durante o 22º CONFAEB em 2012, assim como sua entrevista ainda no prelo para a Revista *Trama Interdisciplinar* do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura onde atuo desde 2008, juntamente com os estudos apontados acima, provocam aqui um olhar reflexivo sobre a produção de textos acadêmicos e o rigor científico esperado. Em tempos contemporâneos quando as vozes, as subjetividades e as singularidades se desvelam, como imagens e palavras podem ganhar espaço dentro da academia, sem diminuir o necessário rigor científico? Em que regime de visualidade atuam?

Esta pesquisa *in process*, se distancia de um panorama teórico nesta comunicação. A colocação do problema, uma breve e particular história com as imagens, assim como alguns exemplos de ações e pesquisas que se aprofundam com procedimentos artísticos no uso de imagens móveis e estáticas alimentam esta comunicação.

O lócus do problema ou a difícil tarefa de dar visibilidade ao que pesquisamos, estudamos e pensamos.

Provar verdades. Seria esta a justificativa dos discursos científicos, seja em artigos, dissertações e teses? O filósofo-professor Marcos Vilella Pereira nos coloca em alerta. O texto impessoal, distanciado, em terceira pessoa, a aparente neutralidade, o uso de certos recursos seriam meios para chegar à verdade universal? Diz ele (2012, p. 217):

A filosofia tinha autorização para falar em primeira pessoa; o discurso filosófico – sem perder a clareza, a concisão, a consistência e o rigor argumentativo – era um discurso autoral, proferido em primeira pessoa por aquele que o formulava. A ciência, de outro modo, caminhava na direção da universalidade e, portanto, não podia admitir um discurso que deixasse ver quem o enunciava. A objetividade era o principal dispositivo de garantia do rigor e a pretensa neutralidade era seu principal efeito. A forma hegemônica da escrita acadêmica, então, aderiu a esses preceitos, e a utilização do modo indicativo (especialmente nos seus tempos presente, pretérito perfeito e futuro do presente) e da terceira pessoa (na forma impessoal do “pensa-se”, “afirma-se”, “sabe-se” etc.) tornou-se expediente exemplar para as proposições discursivas da ciência. O subjuntivo (ou condicional – por exemplo – “se isso...” ou “quando aquilo...”) passa a fazer parte apenas da enunciação do corolário e da argumentação, reabilitando a forma clássica do silogismo. A primeira pessoa (o “eu” que fala) e as formas nominais (notadamente o particípio e o gerúndio – por exemplo – “tem sido...” ou “vem sendo...”) são sumariamente excluídos, uma vez que representam uma abertura para o particular e para o relativo. Teses, dissertações e artigos, se quisessem assegurar a pertinência e a validade, precisaram, por muito tempo, ser escritos em conformidade com essa norma.

A forma hegemônica da escrita acadêmica ainda continua com os preceitos da pseudo objetividade científica com textos generalistas, com suas análises prescritivas ditando o que “deve ser”, o que o professor “deve fazer”, com problematizações presentes apenas para justificar a pesquisa? É comum vermos trabalhos de conclusão de curso ou textos apresentados em exames de qualificação onde pouco se lê a voz do pesquisador que muitas vezes se mostra mais como um coletor de citações.

Por outro lado, Marcos Vilella Pereira aponta receios quanto ao que denomina como uma onda inter-trans-multidisciplinar acrítica e permissiva, as análises levianas e equivocadas, a proliferação das escritas autorreferentes, das biografias e histórias de vida. E considera que “como instância de produção de conhecimento, o ensaio acadêmico necessariamente deve articular pensamento e escrita, enunciando um problema e, em seguida, exercitando o juízo de modo que explore ponderações, posições possíveis e conclusões plausíveis” (idem, p. 225). Neste caso, a escrita em

primeira pessoa “não tem nada a ver com fazer da escrita um confissãoário nem um palco narcísico, mas um equipamento de enunciações, ponderações, postulados e argumentos que, em última análise, atualizam uma negociação com o leitor.” (idem, p. 226). Metáforas, vocabulários e estilos devem ser empregues com rigor, responsabilidade e honestidade.

Neste cenário, no qual concordamos, qual o espaço das imagens? Anexos? Apenas ilustrações? Imagens que apenas dão veracidade às palavras escritas? Imagens que constroem um texto visual que dialoga com o texto escrito? Como metáforas visuais, composições fotográficas, vídeos podem ser empregados com rigor, responsabilidade e honestidade?

Na difícil tarefa de dar visibilidade ao que pesquisamos, estudamos e pensamos, as imagens podem dialogar com as palavras, ou serem autônomas para nos provocar, como nos livros só de imagens. *Onda* de Suzy Lee (2008) e *Zoom* de Istvan Banyai (1995) são belos exemplos. Mas, na minha memória de estudante de graduação em Desenho e Plástica, não posso esquecer a impressão causada pelo livro *Flicts* de Ziraldo (1969) lançado logo depois que a imagem da terra vista do céu foi divulgada. Começava talvez ali uma aproximação com as narrativas visuais.

Talvez meu primeiro impacto com textos visuais tenha sido o livro encabeçado por John Berger: *Modos de ver* (1974). Não sei quando o comprei, ou como tive contato com ele, mas o utilizei como referência em meu mestrado (1992), ressoando na criação de alguns textos visuais ao longo da dissertação. Um desses textos visuais com quatro grupos de imagens em quatro páginas (fig.2) tenta problematizar qual seria a ordem de produção dos famosos touros de Picasso realizados entre 5/12/1945 a 17/01/1947? Quais as relações com os touros de Lichtenstein?

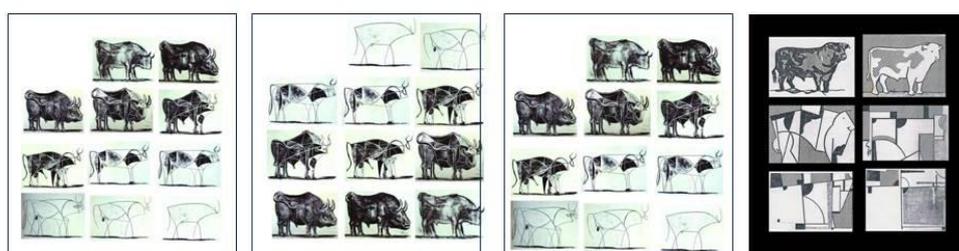


Fig.2. Mirian Celeste Martins (1992, p. 39-42): Textos visuais – touros de Picasso e Lichtenstein..

A cultura em que vivemos pode justificar a primeira ou segunda série de imagens de Picasso. Para leigos, a segunda parece mais coerente, pois lembra os livros para desenhar ou o desenvolvimento das crianças e até dos povos primitivos – do simples para o complexo, da linha para o volume etc. Volta-se depois à imagem com a ordem correta e provoca-se uma comparação com a série de Roy Lichtenstein realizada em 1973, ano da morte de Picasso. Na dissertação, os textos visuais geravam leituras paralelas, mas não chegaram a ser discutidas na banca de defesa, entretanto, tenho utilizado estas imagens para provocar boas conversas sobre os processos de criação rumo à essência da forma ou à abstração.

Lembro-me também da primeira narrativa que levei a um curso de formação de educadores com Madalena Freire em 1990, que causou surpresa entre os educadores. O tema era “troca” e eu o desenvolvi apenas com imagens, desenhos de figuras humanas pouco realistas que formavam cenas sem usar os recursos de histórias em quadrinhos. Anos depois, foi criado o Espaço Pedagógico (1992-2005) por Madalena Freire, Juliana Davini, Fátima Camargo e por mim, insuflando a produção interligada de textos e imagens em nossos cadernos de narrativas, nos diários de bordo, nos portfólios coletivos e no que nomeei como “nutrição estética” que trazia a arte para dentro de muitos assuntos, conceitos, problematizações.

Voltemos a Bleger em *Modos de Ver* que em “Notas ao leitor” explica que os sete ensaios que compõe o livro podem ser lidos em qualquer ordem. Diz Berger (1974, p.11): “Estes ensaios puramente visuais (sobre os modos de ver mulheres e sobre os diversos e contraditórios aspectos da tradição da pintura a óleo) estão pensados para suscitar tantas perguntas como os ensaios verbais” (tradução da autora). São três os ensaios onde as imagens em p/b estão dispostas isoladamente ou em grupos, com superposição ou não, em tamanhos variados e todas sem legendas ou números para “não distrair o leitor”, sendo os créditos das obras listadas ao final do livro.

As ressonâncias deste livro me acompanham e respingam ainda hoje em muitas bancas em que participo, assim como em orientações. Esta referência se atualiza hoje, mas podemos também buscá-la na discussão trazida por Eisner em *El Ojo ilustrado: indagación cualitativa y mejora de la práctica educativa* (1998), publicado primeiramente em 1990 e que me acompanhou em meu doutorado. É

interessante notar que o título em inglês é *The enlightened eye: Qualitative inquiry and the enhancement of educational practice* aponta em uma direção de iluminado, esclarecido, com uma visão ativa e positiva que mostra compreensão e não segue velhos modelos ou falsas crenças. Ele considera que a literatura, o cinema, a poesia e o vídeo estão presentes em nossa cultura para nos ajudar a ver e compreender acontecimentos importantes e por isso deveriam compor as pesquisas qualitativas. Há uma perspicácia, um aprender a ver e um aprender a experimentar que deve levar o pesquisador a perceber as qualidades que estão impregnadas naquilo que observa, pois há muito mais para ver ali. Para isso, diz ele, é preciso cultivar a percepção, compreender a variedade de maneiras com as quais se pode descrever o mundo e adquirir a capacidade de utilizar a teoria para melhor compreender o que a percepção foi capaz de capturar.

A percepção captura e pode ser ampliada pelo trabalho com as imagens. Isto ficou muito visível para mim quando minha orientanda de mestrado Estela Bonci (2013) se colocou a analisar os desenhos de crianças de 9/10 anos. Foi, especialmente no momento de relacionar teoria e a prática vivenciada com seus alunos em projetos, que Estela deu um salto qualitativo em sua pesquisa de mestrado.

Os desenhos escaneados e as fotografias feitas como registro das experiências trouxeram modos de análise, compreensão e exposição de suas ideias que se tornaram mais visíveis para si e para seus leitores. Assim, ao focalizar a escultura *Mãe* de Caetano Fraccaroli e reproduzir os detalhes dos desenhos de três crianças, como ao evidenciar o processo de criação e a linha contínua para desenhar o corpo humano, entre outros tantos registros, Estela pode analisar melhor a produção das crianças, que são também acompanhadas das falas cuidadosamente registradas.

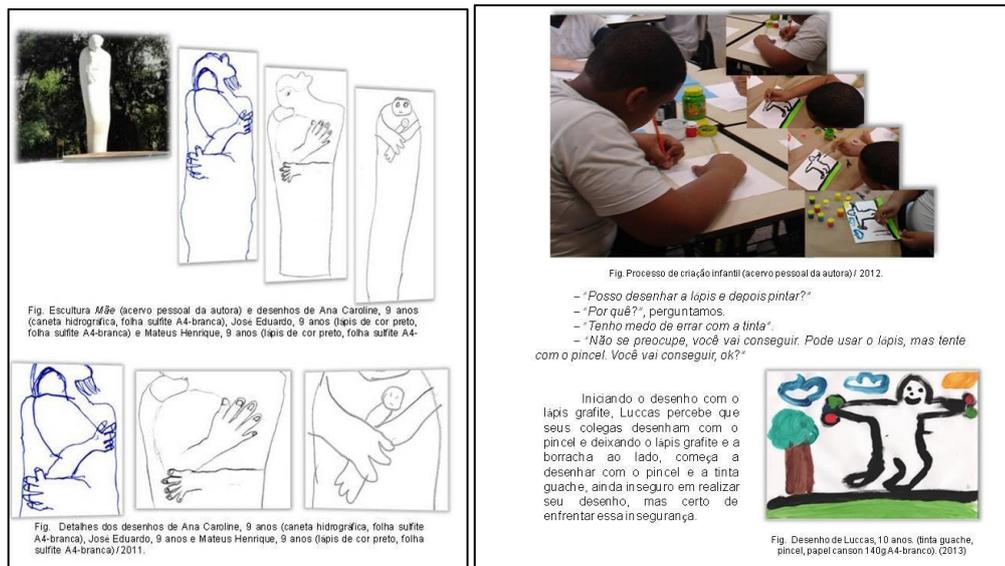


Fig. 3. Estela Bonci (2013, p. 62, 63 e 86). Imagens que evidenciam um olhar capturador de processos que visualiza análises.



Fig. 4. Desenho de Gabriel, 10 anos e seu detalhe.

Teríamos reparado no detalhe que a criança ampliou, mostrando com uma seta o desenho do “olho piscando” sem a composição criada por Estela em seu trabalho unindo o desenho e o seu detalhe?

O cultivo da percepção de que nos fala Eisner foi vivido por Estela que pode rever todas as ações realizadas pelas crianças por meio dos registros cuidadosos tanto verbais, como imagéticos. As imagens são textos que não só dialogam com a teoria, mas provocam uma percepção mais apurada do pesquisador. Assim, vídeos de aulas em tempo real, fotografias, diferentes formas de representação são meios importantes de análise, interpretação e construção do diálogo entre teoria e prática. Eisner encerra seu livro dizendo (idem, p. 284):

Ampliando as formas mediante as quais se descreve, interpreta e avalia o mundo educativo e diversificando os métodos mediante os quais se fazem acessíveis os conteúdos e se utilizam os métodos de ensino, as políticas da prática regressam mais generosas. Está por ver se haverá um campo que se dedique as ideias desenvolvidas nestas páginas ou se permanecerão em águas familiares. Para mim, ao menos, é muito mais interessante encontrar novos mares pelos quais navegar, que velhos portos nos quais atracar. Minha esperança é que as indicações oferecidas nos capítulos anteriores sejam o suficientemente atrativas como para animar ao menos alguns de nós a traçar as cartas de navegação desses novos mares e ver como são os ventos. (tradução da autora)

Os textos posteriores de Eisner continuaram a impulsionar ventos e nos movem para um outro platô de compreensão do estreito diálogo entre as linguagens da arte e a pesquisa qualitativa.

Procedimentos artísticos na pesquisa

Em 2010, Eisner lança com Tom Barone o livro *Arts Based Research*. Segundo eles, a data de 1993 se apresenta como um marco quando Eisner escreveu sobre as conexões entre arte e educação e valorizou a pesquisa guiada por procedimentos estéticos na American Educational Research Association na Universidade de Stanford. Dois anos depois, convidou Tom Barone e turmas de alunos vivenciaram seus cursos até 2005. Lutavam contra uma mecânica de construção que seguia os seguintes passos: primeiro a definição do problema, segundo a descrição da teoria que seria usada; depois se identificava a população a ser estudada na chamada pesquisa de campo, em quarto, as intervenções para finalmente medir os efeitos e determinar o nível de probabilidade em outras populações, passos visíveis em muitos projetos. Entretanto, dizem Eisner e Barone (2010, s/p¹): “o objetivo da pesquisa baseada em arte não é substituir os métodos tradicionais de pesquisa, mas diversificar as possibilidades de métodos aos quais pesquisadores podem recorrer para encaminhar os problemas de sua pesquisa”.

Embora não pretendam uma hegemonia da pesquisa baseada em artes, ela encontrou forte resistência em algumas áreas quanto à ideia de que a estética poderia ser uma fonte de pesquisa tendenciosa e contaminada. Entre várias sínteses, Eisner e Barone (2010, s/p²) afirmam que a PBA é³:

uma abordagem de pesquisa que nós definimos como um método concebido para ampliar entendimentos humanos. PBA é a utilização de um julgamento estético e a aplicação de critérios estéticos na produção de

juízos sobre qual deve ser o caráter do resultado pretendido. Na PBA, o objetivo é criar uma forma expressiva, que possibilitará a um indivíduo garantir uma participação empática na vida dos outros e nas situações estudadas. Em certo sentido, é como um cartão de viagem, algo que se pode usar para ir a qualquer lugar. Para onde se pode chegar quando se utiliza a PBR varia, mas, apesar da diversidade entre os exemplos de PBR, há uma característica comum. Essa característica comum, como indicamos anteriormente, tem ver com a criação de uma forma expressiva.

A PBA é considerado como “um esforço para utilizar formas de pensamento e formas de representação [ou “presentação”] que a arte proporciona”, expandindo a mente para melhor compreender o mundo. Ao usar neste processo (2010, s/p⁴) “qualidades expressivas da forma para comunicar significados”⁵, eles valorizam as contribuições do uso poético da linguagem, o expressivo uso de narrativas, e uma sensível criação de filmes, vídeos e imagens digitais e eletrônicas. Qualquer modalidade que está a serviço para a criação de um trabalho de arte pode ser usada. “É a busca da consciência pela forma expressiva à serviço da compreensão.”⁶ Eles acreditam que há uma íntima conexão entre tecnologia e expressividade que abrem e ainda abrirão novas possibilidades.

Reverberações de seus estudos são recriados na Espanha – as metodologias artísticas de investigação de Ricardo Marin Viadel e Joaquín Roldán (2012) e os textos de Hernández (2013 a, b) e no Canadá com a *A/r/topografy* encabeçada por Rita Irwing (2006, 2008) e lançada em maio no Brasil em co-organização de Belidson Dias (2013), entre outros. Há muito ainda a estudar. Deixemos em suspenso o estudo desses autores que está em processo em nossa pesquisa, para apontar algumas inquietações, trazendo algumas pesquisas brasileiras e problematizando a formação de educadores/pesquisadores quanto a utilização de imagens.

Imagens e palavras alvoroçadas

Nos anais do III Encontro Interdisciplinar do Grupo de Pesquisa Arte e Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, Maria Cristina Pessi e Natalia Vicente (2010) apresentam a pesquisa: Poética do professor: produções estético/artísticas como fundamento para a formação docente em Arte”. Dizem elas (2010, p. 2) que os relatos de experiência tratam com frequência de procedimentos de ensino de professores de Arte no Ensino Fundamental e Médio, “mas não se mostram como uma produção artística e estética; não há, de modo

geral, produções artísticas que apresentem projetos de ensino, a imagem aparece como ilustração ou como registro do que foi produzido pelos alunos”. Encontraram apenas um conto de Maria José Falcão⁷: “A professora de nada”. Elas apontam também o livro de Patrick Diamond e Carol Mullen já traduzido em Portugal (2004): *O educador pós-moderno – estudo com base nas artes e no aperfeiçoamento dos professores* que apresentam processos de criação dos professores e suas narrativas pessoais, mas não tive ainda acesso a este livro.

Susana Rangel Vieira da Cunha (2013b, p. 8), já citada, em um texto ainda no prelo questiona o lugar dos materiais visuais na pesquisa em Educação tendo como ponto de partida oito teses e 27 dissertações produzidas entre 2008-2012 em uma linha de pesquisa voltada às infâncias e sua educação. “Dos 35 trabalhos, 20 utilizaram e apresentaram materiais visuais, sendo que 12 (dez dissertações e duas teses) evidenciaram uma utilização diferenciada de materiais visuais”. Não só na metodologia, na própria produção da pesquisa, na apresentação do que chamou de “soluções autorais”. A poética da pesquisadora encontra um modo singular na apresentação do trabalho. Entre os 12 trabalhos encontra-se o de Daniela da Rosa Linck Diefenthaler (2009): *A gente pode fazer casa do jeito que a gente quer? Ações propositoras e materiais provocadores: ampliando o imaginário infantil*. Em caixas-cadernos-malas, desenhos, textos, análises se ofereciam aos leitores, mas diz Susana (2012 a, p. 213): “posteriormente, para entrar na biblioteca, projeto e dissertação foram colocados dentro das formas institucionalizadas, perdendo assim ‘conteúdos’ que aquela forma/objeto expressava”. Normas da ABNT e o sistema implantado na biblioteca impediram que a poética expressa por Daniela se preservasse na versão final. O rigor científico estava presente neste trabalho, tanto no texto como no uso das imagens, na escolha e na intervenção na diagramação, mas eles tiveram de se sujeitar às normas vigentes.

Suplantar esta questão é um dos desafios. A outra, é provocar/impulsionar a construção de textos que nascem de procedimentos artísticos em processos educativos. Esta é uma proposição que venho trabalhando desde os tempos do Espaço Pedagógico e dos cursos no Instituto de Artes/UNESP e hoje na Universidade Presbiteriana Mackenzie, tanto nos cursos de pós-graduação que ministro como na graduação em Pedagogia.

Em um trabalho final da disciplina Teorias e Processos Educacionais que coordenei em parceria com Ingrid Ambrogi, Jade Magave fez um vídeo (fig.5) em que contrapunha a sua vida de estudante na infância e sua entrada na pós em Educação, Arte e História da Cultura.



Fig 5. Jade Magave, 2012. Frames do vídeo realizado para a disciplina Teoria e Processos Educacionais no Curso de Pós-graduação.

No primeiro semestre de 2013, em outra disciplina, Jade também criou um pequeno vídeo a partir do texto Aprendizagem invisível na disciplina “Ambientes Virtuais de Aprendizagem e EaD” que compartilhei com Maria de Iós Dolores Jimenez Peña. Jade tem formação em Letras e tem se interessado pelas questões dos procedimentos artísticos em pesquisa, voltando-se para alunos do Ensino Médio. A linguagem do vídeo tem sido sua aliada na construção de textos visuais que expressam conceitos e visualizam ideias. Como fortalecer o rigor científico e ampliar as relações entre imagens e texto em sua pesquisa?

Rita Demarchi vem produzindo imagens, atenta àquele que vê. Andarilha, esta professora, pesquisadora e doutoranda sob a minha orientação, fotografa de modo singular. Não tira fotos a esmo como é comum, mas se coloca em vigília para clicar momentos especiais em museus e exposições de arte. Está atrás da experiência estética, olhando o outro que vê. Como irá construir um texto acadêmico que dialoga com as imagens? Ao trabalhar com a subjetividade, como manter todo o rigoroso cuidado deixando espaços para a criação autoral entre os trâmites oficiais?

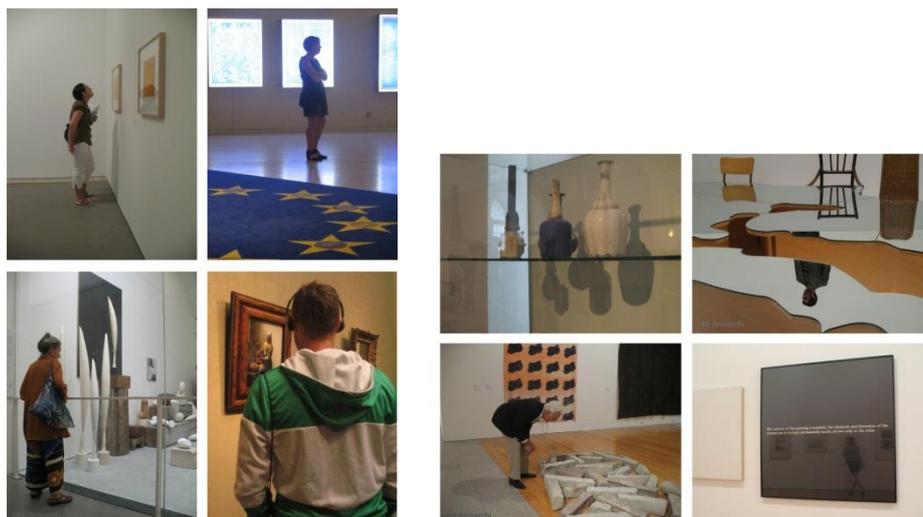


Fig.6. Rita Demarchi, duas páginas do ensaio visual *Aquele que vê*, 2013 (no prelo - Revista Trama Interdisciplinar).

O que tenho percebido é que há um processo a ser vivido na formação de educadores e pesquisadores. Vejo em minhas alunas da Pedagogia o salto que acontece quando as imagens produzidas começam a criar novas significações. Nos dois cadernos, levados em cada aula por dois dos alunos ou alunas – narrativa verbal e narrativa imagética é possível perceber os textos verbais e os visuais que os tornam ou não mais pessoais e criativos.



Fig. 7. As três narrativas imagéticas contam sobre a aula vivida, trazendo o que foi importante para cada estudante. Na última, vê-se as imagens de cada uma das quatro páginas que forma a narrativa.

Os exemplos evidenciam imagens que traduzem os encontros vividos para além do simples registro. Imagens e palavras também são solicitadas em resenha ou na leitura de textos de estudo. Mas, ainda me inquieta a produção de imagens que nem sempre parecem dar visualidade a um pensamento. Como preparar as

estudantes, pedagogas em formação, para a leitura destas imagens? E os alunos da pós-graduação que estão distantes da arte?

Se antes a preocupação era o modo que apresentávamos as imagens focalizando especialmente as da história da arte, incluindo a arte contemporânea e mais recentemente a cultura visual em viés mais amplo, ou o modo como líamos as produções dos estudantes em qualquer segmento de ensino, hoje nos deparamos também com as imagens que visualizam conceitos e nos colocam em sintonia com questões que podem ser ampliadas se as compararmos com os procedimentos dos artistas em suas pesquisas estéticas, como a que vimos com *Eletro livros* de Guto Lacaz, onde forma-conteúdo configuram também rigor cuidadoso.

As perguntas iniciais se repetem e desvelam questões recentes, elaboradas a partir do diálogo e questionamento com a minha trajetória de décadas enquanto professora/pesquisadora/orientadora: Imagens e palavras podem desvelar o rigor científico esperado academicamente? Problematizam regimes de visualidade e ecossistemas acadêmicos? Nesse momento, nossa intenção é a de lançar pontos sobre um pensamento que continua em processo e que se lança em direção a territórios ainda desconhecidos. Penso que as parcerias nesta ANPAP propiciem a discussão sobre essas questões, enriqueçam com desdobramentos e outras questões que permitam soprar outros ventos e outras cartas de navegação.

NOTAS

¹ “The aim of arts based research is not to replace traditional research methods; it is to diversify the pantry of methods that researchers can use to address the problems they care about” EISNER/TOM,2010, s/p), tradução da autora. Obs: O livro de Eisner e Barone foi consultado em forma de e-book e lido no *Kindle*.

¹ “ABR was – and is – an effort to utilize the forms of thinking and forms of representation that the arts provide as means through which the world can be better understood and through such understanding comes the enlargement of mind.

¹ “a approach to research that we define as a method designed to enlarge human understandings. ABS is the utilization of aesthetic judgment and the application of esthetic criteria in making judgments about what the character of the intended outcome is to be. In ABR, the aim is to create an expressive form that will enable an individual to secure an empathic participation in the lives of others and in the situations studied. In a certain sense, it is like a travel card, something one can use to get somewhere. Where one is to get when doing ABR is varied, but despite the variance among examples of ABR, there is a common feature. That common feature, as we can indicate earlier, has to do with the creation of an expressive form.” (2010, s/p)

¹ “Arts based research is a process that uses the expressive qualities of form to convey meaning”.

¹ Os autores referem-se à Susanne Langer (1980) que distingue os modos discursivos e não discursivos (presentacionais) de conhecimento e abre aqui um amplo espectro para aprofundamento futuro. As palavras e as formas significantes. A arte, como linguagem, como fala que também é interna e também se exterioriza, utiliza formas significantes, que sustentam os conceitos, as ideias, as imagens mentais. Diz Langer (1980, p.25), “a forma significativa (que tem realmente significação) é a essência de toda a arte, e é isso que queremos dizer ao chamarmos qualquer coisa de artístico.” As palavras e as formas significantes são, para Langer, dois modos de percepção da realidade ou dois simbolismo: o discursivo e o presentativo.

¹ “It is the conscious pursuit of expressive form in the service of understanding.” (210, s/p)

¹ É interessante notar que Maria José Falcão participa de dois grupos de pesquisa sobre a minha coordenação. A sua comunicação no Congresso da InSEA em Budapeste em 2011 foi um enorme sucesso, pois justamente usou um vídeo para sua apresentação, envolvendo todos por sua forma expressiva.

REFERÊNCIAS

BARONE, Tom. Eisner W. **Elliot. Art Basead Research**. California: Sage Publications, 2011.

BERGER, John (org.) **Modos de ver**. Barcelona: Gustavo Gili, 1974.

BONCI, Estela. **Uma janela aberta para a leitura de mundo: o desenho de crianças de 9/10 anos a partir de intervenções pedagógicas**. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da Cunha. **Experimentos e experiências na pesquisa**. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. **Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação**. Santa Maria/RS: Ed da UFSM, 2013b, p. 201-224.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da Cunha. **Qual o lugar dos materiais na pesquisa em Educação?** Porto Alegre: no prelo - Revista Educação PUC/RS, 2013a.

DIAS, Belidson. IRWIN, Rita (org). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

EISNER, Elliot W. **El ojo ilustrado: indagación cualitativa y mejora de la práctica educativa**. Barcelona: Paidós, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias de cultura visual**. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. **Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação**. Santa Maria/RS: Ed da UFSM, 2013b, p. 77-95.

IRWIN, Rita. **A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica**. In BARBOSA, Ana Mae e AMARAL, Lilian.(orgs). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Editora SENAC SP; Edições SESC SP, 2008, p.87-104.

LACAZ, Guto. **Eletro livros**. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=i4Zg9Sxr2_0>. Acesso em 05 maio 2013.

LANGER, Susane. **Sentimento e Forma**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LOIZOS, Peter. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: BAUER, Martins W e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

MARTINS, Mirian Celeste. **"Não sei desenhar" Implicações no Desvelar/Ampliar do Desenho na Adolescência - uma pesquisa com adolescentes em São Paulo**. São Paulo: 1992, Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicações e Artes/USP.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. **Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação**. Santa Maria/RS: Ed da UFSM, 2013.

NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, Marcos Villela. **A escrita acadêmica – do excessivo ao razoável**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18 n. 52, jan.-mar, 2013, p. 213-244. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=i4Zg9Sxr2_0>. Acesso em 05 maio 2013.

PESSI, Maria Cristina e VICENTE, Natalia. **Poética de professor: produções estético/artísticas como fundamento para a formação docente em arte**. Anais do III Encontro Interdisciplinar do Grupo de Pesquisa Arte e Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, 2010. Disponível em: <http://www.gpae.ceart.udesc.br/3_encontro/CristinaPessieNatalia.pdf>. Acesso em 05 mai 2013.

VIADDEL, Ricardo Marin. Roldán, Joaquín. **Metodologías artísticas de investigación en educación**. Málaga: Aljibe, 2012.

Mírian Celeste Martins

Doutora pela Faculdade de Educação/USP. Mestre pela Escola de Comunicações e Arte/USP. Docente do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia na Universidade Presbiteriana Mackenzie.